

Carolina Primeira¹
Vermelho²
Way Puri³

TRADIZENDO EXÚ GALINHA DE AFOGAR PATOS: ESCREVIVÊNCIAS DO (N)OVO

BECAUSE NO MOTHERFUCKER
IS GONNA STOP ME FROM
SIGNIFYIN' ⁴

PÀMA PÈOAN MASCHÊ RAYON⁵

Resumo

esta é uma escrita-gesto, um artigo-rito, um ensaio-feitiço, um(de vários) falar-comer, um escrever-viver, um ler-cuspir, um escutar-chocar. somos aqui três corpos capazes novamente de assumir a primeira pessoa, do plural. corpos-pensamentos-selvagens-indóceis ancestrais, corpos que abriram caminho cortando mato y arrancando tocos em meio a academia y a arte. os (de)(re)tratados que invadem a missão. corpos dispostos aos riscos y liberdades do experimento, jogando com as palavras de debret em sua "Viagem pitoresca e histórica ao Brasil". investigando significar as palavras dos (n)ovos mundos, numa escrita de criação, cocriação y autocriação que nos reinscreve.

Palavras-chave: escrita de artista. tradizer. escrituras. antropofagia. decolonial

Abstract

suddenly three souls at a crossroads/ talking to debret about an old thing he wrote/ words 'n' thoughts/ objects 'n' whatnots/ not about sayin' 'n' lyin'/ but rather tryin' signifyin'/ there are dogs that bite/ they also chat and write/ mouth head/ cross uncross/ if the lion is dead/ who's the boss/ pa pa la bas/ doubleness they are/ monkey jumpin' in the daylight/ rhymin' 'n' bluffin' by the sky bright/ our ancestors once said/ calabashes and laughs/ as soon as they stopped the bleed/ will soon become paths/ if you givin' me crumbs/ I usin' your hands to play me drums/ myself keep undyin'/ no motherfucker will stop me signifyin'

Keywords: Artists' writings. Signifyin'. Livature. Anthropophagy. Decolonial.

Boasé-tinicà là oai

pàma péoan lekah môm'ran/ rayon boasé maschê/ chambé pehuôno ponuan/ à ney tamariponham mripôn petahra schuteh/ aphon tutak/ guê ah mopô/ ah ndond/ an ndond/ ah ndond/ ndl'ôno rune boasé prika/ beungàna prika miti tsatê prika/ mopô krohkon rayon boasé prika/ toppeh ou lò morandèh/ an ndond kondón boasé/ pàma péoan lekah môm'ran/ rayon boasé maschê/ chambé pehuôno ponuan/ à ney tamariponham mripôn petahra schuteh/ a4phon tutak/ guê ah mopô/ ah ndond/ ah ndond/ ah ndond/ ndl'ôno rune boasé prika/ beungàna prika miti tsatê prika/ mopô krohkon rayon boasé prika/ toppeh ou lò morandèh/ an ndond kondón boasé.

Boasé-aphon: escrita de artista. tradizer. escrituras. antropofagia. decolonial

¹ Criatura poética y pesquisadora. Membro do Laroyê: terreiro de pesquisa com corpos, artes, culturas y linguagens decoloniais, UFJF. Doutoranda no PPGACL/UFJF. E-mail: carolinaccerqueira@gmail.com. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/0849366342044876>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1562-840X>.

² Criatura poética, pesquisador y educador. Membro do Laroyê: terreiro de pesquisa com corpos, artes, culturas y linguagens decoloniais, UFJF. Mestre pelo PPGACL/UFJF. E-mail: vermeverso@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6281742233253000>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9627-1950>.

³ Criatura poética, mestre em artes cênicas. Membro do Laroyê: terreiro de pesquisa com corpos, artes, culturas y linguagens decoloniais, UFJF. Mestrando em antropologia social pelo MN/UFJRJ. E-mail: wayperformer@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4337390750596205>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1432-7149>.

⁴ do poema "49 a signifying monkey" (JACKSON, 2004, p. 150). o signifying monkey é um personagem africanoestadunidense múltiplo da figura yorubá, esu elegbara.

⁵ o terceiro idioma é o puri, língua que foi proibida de ser falada y permaneceu silenciada por mais de um século, até a primeira década do novo milênio, quando foi retomada por indígenas puri, na oralidade, rito, escrita y arte. essa boasé-tinicà là oai, é um experimento com a língua puri.

o que a gente faz com isso?devora!

[y de repente três corpos se cruzam com debret. três corpos trazidos a si pensar com, com a história, com obras, com as palavras. de brancos, de homens, de europeus, de artistas. pensar com, pensamento corpo, pensamento que pensa junto, pensamento que não separa, sujeitos y objetos, corpos y almas, carnes y palavras. aqui, nessa escritura como ensina nossa ancestral conceição evaristo, que traz, ao modo de riobaldo, o mundo que somos.

exú nos guia a devorar as palavras do pitoresco pintor y as cuspir de outro modo. escrita que atira hoje y acerta ontem, que se livra das ma((iu)s)culas da verdade, da história, y da arte, que cercaram y escravizaram . maiúsculas oclusões que passo a passo fizeram o céu cair, que produziram a grande noite, afastando quase eternamente a terra-sem-males.

somos aqui três corpos capazes novamente de assumir a primeira pessoa, do plural, de assumir os riscos y liberdades do experimento, da pesquisa do ser ainda não dito, da poética do fim do mundo.

poética de (n)ovos mundos. múltiplos, plurais, vastos. escrita de criação, cocriação y autocriação que nos reinscreve. corpos-pensamentos descendentes indígenas selvagens y escravos dóceis, corpos que abriram caminho cortando mato y arrancando tocos em meio a academia. os (de)(re)tratados invadem a missão.

(dig)am a debret que os (dog)uininhos falam. escrevem. mordem.

minúsculos nos fazemos águas, nos muros da linguagem casa grande, infiltrados gota à letra, dessa viagem pitoresca ao brasil. costuramos o corpo texto de palavras embranquecidas, trazendo aos olhos, a leitura y a escuta de outros sentidos, expondo as máscaras colocadas sobre. para fazê-las cair, ruir, rir, gargalhar. como caraíbas, como kumbas, como feiticeiros, como cavalos, como xamãs, de (n)ovos tempos ancestrais.

ancestral para nós é aquilo que agencia o instante, o acontecimento. ancestral é o orixá y a caravela, o avô y o feitor, a onça y o estado. somos corpos que sabem o presente como ancestral. que sabem não de antes, mas de um eterno agora. corpos que ensaiam, rastreiam, trazem, compõem, performam, devoram y cospem o(s) mu(n)do(s).

poéticas de pau y buceta exusiacas porque os desloca y é deslocado por elas. assim ancestralmente feministas cuir. poéticas guiadas por dandara, rainha y general dos exércitos de palmares. kudina que através de exu, assume a boca de oxóssi ori(cabeça)xá que cruza y descruza indígenas y enegrecidos, criando nosso grande terreiro, nosso grande palmar(es) devirando as raízes cósmicas das palavras que nos dão carne. poéticas canibais que como os tupinambá, são poéticas da vingança, implodindo a subalternidade, fraturando a cabeça (logos) do inimigo, produzindo máquinas (outras) de guerra. poéticas de devora, de exú que come a própria mãe y si torna múltiplo a cada golpe do pai(senhora).

debret é (metonímia) carne da arte contemporânea, seu ancestral. nessa grande noite o caçamos, o amarramos, y com tambores y cantos, jantamos. servimos debret

na mesma mesa⁶ da qual nossos ancestrais filhotes comeram migalhas.]

[comemos nossa(s) senhora(s) pelas mãos]

[do(s) (n)ovo(s) mu(n)do(s)

a performatividade da palavra, o inconsciente (en)cruzo.

uma busca de poética radical de (de)(a)(e)nunciar posições invisíveis, as diferenças, as separações, as violências. a guerra.

senão o sol, a lua. luar nessa grande noite, o luar do batuque, do marafo, da farra, da (al)forria, da capoeira, da gira.

noturnas também são nossas forças. que sabem caminhar na mata escura. que suportaram a escuridão do útero-porão dos negreiros.

escrever como quem dança o tambor y o maracá. no fluxo da terra, da carne, da alma. que são uma y várias. singulares y plurais.

gerando uma andonça, que cruza trajetória, movimento y devora, escritura afiada, com dentes a fraturar o logos.]

[nossa escrita desamarra os pés selvagens. desata as mãos dóceis.

é chegada a hora de correr y gritar os cantos de guerra pelas selvas da academia y da arte, criando bando y comunidade, tocando y caçando os caras pálidas estético-epistêmico-político.

devora.

não somos identitários. nossas sempre foram poéticas do devir, do outrar-se, do ser em multiplicidade y variação. uma briga y o um vira dois, três. basta uma briga pra três virarem um.

os porão nos pariu.

somos a vingança criativa, que reorganiza os corpos, desfazendo aldeamentos y cárceres. vingança. guerra. banquete.festim

somos a fome de ser mundo. somos a própria coisa.

de debret a andrade, nossa (re)volta é a prova dos nove.]

[escute em voz alta: (pelo menos três vezes)]

INTRODUÇÃO

Dava eu tamanha importância à vantagem de poder admirar a beleza do ambiente brasileiro, e principalmente à glória de propagar o conhecimento das belas artes entre um povo ainda na infância, que não hesitei em associar-me aos artistas distintos, meus compatriotas, os quais, sacrificando por um instante suas afeições particulares, formaram esta expedição pitoresca.

Animados todos por um zelo idêntico e com o entusiasmo dos sábios viajantes que já não temem mais, hoje em dia, enfrentar os azares de uma longa e ainda, muitas vezes, perigosa navegação, deixamos a França, nossa pátria comum, para ir estudar uma natureza inédita e imprimir nesse mundo novo, as marcas profundas e úteis, es-

⁶ em sua prancha 55, Jantar no Brasil, o pintor retrata crianças como "doguinhos" a comer das mãos de sua "dona"

pero-o, da presença de artistas franceses.

[mundo-novo-velho-mundo, diremos: quais mundos visualiza nesse mundo? o que pinta? o sacrifício da cultura natureza na cruz? na partilha do pão, à nós coube ser-natural y à vocês a cultura. você dizia “_ se faça a França antártica”. y moveram-se pedras (pretas) y ruas (pretas) y tintas (vermelhas) y árvores (vermelhas), y, se gente, moveu índio. vocês que são mais sabidos, nos digam: quão Paris anda o rio?]

(...)

Esses dez anos não foram entretanto estéreis, pois as diversas obras que executamos, durante esse intervalo, inspiraram o gosto pelas artes aos jovens brasileiros e asseguraram, assim, o êxito de nossa empresa em consequência, alguns anos de estudos, orientados por ensino regular, bastaram para que esses homens bem dotados apresentassem exposições atuais, cujas obras espantaram pela perfeição. Finalmente, já no sexto ano da existência ativa da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, contavam-se na classe de pintura diversos alunos empregados como professores nas várias escolas do governo. Um deles se achava, mesmo, a serviço particular da Corte. Os dois mais hábeis já tinham executado quadros de história, cujos motivos nacionais se prendiam aos estabelecimentos que deviam ornamentar.

Foi em virtude dos êxitos rápidos de meus alunos que tive a ventura de obter, do conselho da Regência, **uma licença limitada** para voltar à minha pátria e a gozar, no seio de minha família, a possibilidade de coordenar o primeiro volume de minha “Viagem pitoresca e histórica ao Brasil”, que hoje ofereço ao público.

Graças ao hábito da observação, natural em um pintor de história, fui levado a aprender espontaneamente **traços característicos dos objetos que me envolviam; por isso, meus esboços** feitos no Brasil reproduzem, especialmente, as **cenas nacionais ou familiares do (nosso) povo** entre o qual passei dezesseis anos.

Essa coleção, ordenada cronologicamente, encontra novo interesse na história de sua formação.

Com efeito, **começada exatamente na época da regeneração política do Brasil, operada pela presença da Corte de Portugal, que se fixou na capital da Colônia Brasileira, levando-a a categoria de Reino, inicialmente, e pouco depois, à de Império independente, essa coleção termina com a revolução de 1831.**

Todos esses documentos **históricos e cosmográficos, consignados em minhas notas e desenhos, já se achavam ordenados** no Rio de Janeiro, quando foram vistos por estrangeiros que me visitaram. Suas solicitações me encorajaram a preencher algumas **lacunas**, a fim de compor uma **verdadeira obra histórica brasileira** em que se desenvolvesse, progressivamente, uma civilização que já honra esse povo, naturalmente dotado das mais preciosas qualidades, o bastante para merecer um paralelo vantajoso com as nações mais brilhantes do antigo continente.

Finalmente, no intuito de tratar de uma maneira completa esse assunto tão novo, acrescentei diante de cada **prancha litografada** uma folha de texto explicativa, a fim de que pena e pincel suprissem reciprocamente a insuficiência mútua.

[que(m) são os objetos? extermínio.]

[Aqueles leituras dos séculos XX e XXI – aparentemente despolitizadas (neutras) – obstaculizavam (impediam) a possibilidade de pensarmos nessas imagens, em

primeiro lugar, como produtos coloniais, isto é, como representações definidas pelo colonizador pela relação colonial que interpretou(-n)os índios (y enegrecidos) como objetos de pensamento disponíveis (a sua mercê), mostrando(-n)os como seres que, como acontecia com (nossos)seus territórios, nos faltava-lhes a intervenção moral e construtiva da civilização europeia, sem a qual não tinham(os) valor, nem(muito menos) humanidade.] (ROCA, 2017, p.56, tradi(c)ção nossa)

(...)

Tendo partido sob a chefia de falecido senhor Le Breton, então secretário perpétuo da classe das belas-artes do Instituto de França, cheguei ao Rio Janeiro em 1816 como participante, na qualidade de pintor histórico, dessa expedição, cujos demais membros eram senhores Taunay, paisagista, membro do Instituto de França; Taunay, estatuário, irmão do precedente, Grandjean de Montigny, arquiteto; Pradier, gravador em talho-doce; Newcom, compositor de música; Ovide, professor de mecânica. Por ocasião de nosso desembarque, a mãe do príncipe Regente D. João VI acabava de morrer e já se ocupavam com os preparativos do cerimonial a ser observado na aclamação do novo monarca brasileiro. Chegávamos a propósito, e apressaram-se em fazer com que nossos diversos talentos contribuíssem para a importante cerimônia que ía outorgar à colônia brasileira um lugar entre os reinos do antigo continente. Desde esse momento, especialmente ocupado com retratar uma longa série de fatos históricos nacionais, tive à minha disposição todos os documentos relativos aos usos e costumes do (p)novo país que eu habitava e que constituíram o ponto de partida de minha coleção. A partir dessa época, fomos constantemente chamados a contribuir para os trabalhos encomendados por ocasião dos diversos sucessos políticos, cujo caráter sucessivamente maior e mais nobre devia conduzir à época memorável da fundação do Império Brasileiro, independente de Portugal. Eu ensinava, então, pintura de história na academia do Rio de Janeiro, fundada por nossa colônia; por isso tive a oportunidade de manter, constantemente, por intermédio de meus alunos, relações diretas com as regiões mais interessantes do Brasil, relações que me permitiram obter, em abundância, os documentos necessários complementos de minha coleção já iniciada.

Quanto à história particular dos selvage(m)ns, uma circunstância feliz forneceu-me o primeiros materiais: dois dias apenas depois de nossa chegada, foi-nos dado ver indígenas botocudos recém-trazidos ao Rio de Janeiro por um viajante que me facilitou desenhá-los com cuidado, acrescentando a essa amabilidade, informações tão fidedignas quão interessantes acerca dos costumes desses índios entre os quais vivera. O acaso levou-me assim a iniciar, no centro de uma capital civilizada, essa coleção particular dos selvagens, que eu devia acabar nas florestas virgens do Brasil.

[tupy-tapuya. doce-bárbaro. selvagem-civilizado. gente-bicho. com o passar do tempo, como o putrefato queijo, gostosos franceses já estavam amargos. mas como a iguaria, não hemos de jogar fora a criança com a água da bacia. parabéns pelos autorretratos. eles falam mais da colonialidade que do que suposto retratado.

lembro! da prancha 22 do primeiro livro, exato? quatro povos pintados indiscriminados, nomes embaralhados, corpos ilhados - visitados como entretenimento das elites -, deveras civilizado. lembro que pra vender na europa, o photoshop foi mobili-

zado. árvores, tatus, fogueiras, papagaios. mas mandou mal, errou feio, debret, errou rude. quede o sorriso iluminado? - digo o contrário - nos livros de escola estão seus traços estampados, com vicissitude. não importa o rumo do diálogo. você faz história. que felicidade! não derrubaremos seu busto, não é esse o nosso embate. não se trata de pixar o monumento, o que queremos saber é: quem segue te presenteando, hoje, com o status da verdade?]

Sob o Império, os governantes das províncias, quase todos brasileiros, dedicaram-se mais particularmente aos processos da civilização e pela primeira vez viu-se nessa época serem conduzidas no Rio de Janeiro frequentes deputações de índios selvagens, que vinham solicitar, do Soberano, **instrumentos de trabalho, na qualidade de cultivadores, ou armas, para servirem nos corpos auxiliares.**

A influência desse sistema estendeu-se de tal modo que, durante os últimos anos de minha estada no Brasil, era comum se encontrarem, no Rio, essas famílias de índios **civilizados, (o)abrigados com hospitalidade** no Campo de Sant'Ana, nas oficinas de obras públicas do governo. E as comunicações com elas eram tanto mais vantajosas quanto se deparava, quase sempre, no meio dos selvagens, com algum indivíduo conhecedor do português. E enquanto o governo se enriquecia assim com novas populações, **o Museu de História Natural do Palácio de São Cristóvão, melhorava** dia a dia sua preciosa coleção de vestimentas e armas, oferecidas como presentes ao soberano, por esses índios. Finalmente, além da posse desse importante material, trazido, por assim dizer, à minha curiosidade por essas deputações, não raro fui, com naturais do país, buscar no selo de suas famílias o complemento que se fazia indispensável ao volume que ora publico.

A obra que ofereço ao público é uma descrição fiel do caráter e dos hábitos dos brasileiros em geral. Devo, portanto, a fim de seguir uma ordem lógica, começar pela história do índio selvagem, primeiro **habitante desta parte do globo tão admirada** pela abundância dos benefícios que a natureza lhe prodigalizou.

É **no centro das imensas florestas virgens do Brasil** que o observador deve procurar essas antigas famílias de indígenas, conservadas em seu estado primitivo, felizes de viver sob uma temperatura suave e de confundir as **estandes, que lhes oferecem, sem interrupção, mil** espécies de frutas saborosas e, amiúde, plantas vigorosas cujas raízes substanciais bastam à alimentação de seus filhos, embora os homens, naturalmente cheios de engenho e agilidade, se entreguem à caça para obter um alimento suplementar.

Quantos obstáculos tem que vencer o europeu corajoso que deseja ver de perto e nos seus hábitos o **brasileiro selvagem**, sempre acampado à beira de riachos, de lagos, ou rios que cortam florestas profundas! Aí encontra ele os mais industriais desses indígenas, fortificados dentro de suas cabanas, cercados de várias linhas de paliçadas que constroem com barricadas de troncos de árvores dispostos de maneira a deixar apenas uma entrada e, ainda, o mais das vezes escondida pelo matagal.

Para chegar ao índio selvagem, através desse dédalo de vegetação, somente o Índio civilizado pode servir de guia; conduzido unicamente pelo instinto, ele se orienta no meio dessas gigantescas e lúgubres florestas, cujas abóbadas espessas são impenetráveis aos raios do sol. Seu olfato, de incrível agudeza, revelam-lhe, mesmo a grande distância, a presença de um companheiro, sua vista exercitada, sempre vi-

gilante, descobre e segue a pista de um animal, unicamente pelos sinais de alteração produzidos pela passagem do corpo entre a folhagem das mimosas sensíveis que juncam o solo dessas florestas. E só tendo em mente essas faculdades tranquilizadoras é que a gente ousa avançar com ele entre os inumeráveis esqueletos esbranquiçados de antigos vegetais de toda espécie que, por assim dizer, servem de urdume ao tecido unido de uma nova vegetação, cuja ativa profusão se esparrama por todos os lados formando uma rede impenetrável. Como seria possível ao viajante não se sentir cheio de respeito e de admiração diante desse milagre de fecundidade? Convicto da impotência de seus meios físicos o homem, tão audaz alhures, alí se faz tímido. Vê-se obrigado a transformar os sulcos formados pelas águas em caminhos que o conduzem à beira do rio. E pode considerar-se ainda muito feliz se, ao chegar à baixada, após as fadigas de uma descida íngreme e sempre perigosa, lhe for possível aproveitar, a fim de atingir as florestas que deseja penetrar, alguma vereda aberta no matagal pelos animais selvagens. Nesse labirinto obscuro, esse guia se torna tanto mais indispensável quanto mais o viajante se aproxima da habitação do selvagem, pois se transforma, então, em um intérprete providencial. Os primeiros ruídos de passos sobre a folhagem expandem o temor na aldeia; todos os homens se armam, mas, graças às palavras de paz que o guia pronuncia, adianta-se o chefe à frente dos outros, segurando numa só mão o arco e a flecha. Com esse sinal de suspensão das hostilidades, à desconfiança geral sucede a curiosidade: o viajante pode aproximar-se sem medo e alguns presentes logo reúnem em torno dele toda a população selvagem, que o introduz no centro da aldeia para visitar à vontade o interior de suas humildes cabanas. Então se iniciam as trocas.

Durante essas demonstrações amistosas tão cheias de interesse, o naturalista observador sente-se penetrado, repentinamente, a despeito de sua filantropia, por um sentimento de tristeza ante o aspecto de sua imagem reproduzida num ser selvagem, cuja sutileza e perfeição dos sentidos, tornados temíveis sob formas apáticas, mas ferozes, trazem-lhe ao pensamento um paralelo involuntário com a fera, e como se só a esta tivesse encontrado no meio dessas florestas, estima-se feliz com ter provocado apenas um olhar de indiferença.

Entretanto, em que pese o contraste tão impressionante de maneiras, encontram-se no índio selvagem certas ideias elementares, vícios e virtudes que constituem ainda o caráter social do homem civilizado: o amor à propriedade e a coragem de defendê-la, a irritabilidade do amor-próprio ofendido e os mais matreiros ardis que possa sugerir a vingança. E, quem o imaginaria, em meio a uma liberdade sem limites, é ele dominado por um sentimento de orgulho completamente feudal. Assim como o suserano que outrora reunia, ao toque do sino de seu castelo, todos os vasallos capazes de porte de armas, ele se compraz em mostrar ao civilizado a extensão de seu domínio e a força de seus apelos. Ainda recentemente, na província do Maranhão, o selvagem Tempé, chefe dos Timbiras, visitado por estrangeiros, quis, como um pequeno soberano belicoso, dar-lhes uma ideia da disciplina de seus soldados. Orgulhoso de possuir uma arma de fogo, presente de um rico proprietário da região, serviu-se dela para o toque militar de reunir; um só tiro bastou, com efeito, para fazer surgir, em um instante, cerca de oitocentos guerreiros dispostos a obedecer às suas ordens.

No indígena, à virtude amarela se alia o amor das distinções, de que necessariamente se cerca um general; assim a vestimenta do chefe é sempre de um luxo extraordinário. Ignorante dos costumes de europeu, não sabe como este apreciar a delicadeza do tecido de uma farda ou a profusão de ricos bordados, nem o acabado das cinzeladuras de uma arma, mas sabe, na sua imaginação igualmente cheia de vaidade, substituí-los por uma cota de armas de tecido de algodão muito forte. Recobre-as com penas dispostas de maneira a formarem separações, pelas suas cores variadas, lembram a plumagem brilhante dos mais belos pássaros com que a natureza povoou as florestas que ele habita.

*(...) Esta última combinação, que não desprezaram nos damas galantes do século XVIII, no intuito de realçar também o brilho de seus olhares, imaginada assim por um antropófago não será como finura, passível de paralelo com o gênio sutil de nossos mais célebres artistas europeus que figuram nos palcos dos teatros? Mas essa pesquisa dos meios adequados a um acréscimo das possibilidades de vitória é inseparável do desejo de conservar a recordação dela. E encontramos sempre, entre os índios como nos povos da Europa, um troféu militar, com a diferença, muito natural, de que, não possuindo monumentos estáveis para neles colocar os despojos do inimigo, o selvagem, quase sempre errante, contenta-se com amontoar na sua aldeia um número considerável de [cabeças mumificadas de prisioneiros de guerra, quase cem são os anos onde o branco andrade da devora nos despojou. canibais são nossas práticas de existir. apropriação, antropofagia, tradução, são práticas de viver. assim a noção de tradução exu, dada a ver por guilherme gontijo flores, em seu gesto nos pede: devora. traduzindo exu, junto ao signifying, que junto se tornam tradizer. exu assim se tradiz y se traduzindo se torna seu próprio múltiplo na linguagem. exu é o aberto y o dubio, na língua, no corpo, no existir, no cosmos. nosso bara, o epíteto de exu, como rei do corpo, excorpora o tradizer, em primeira pessoa traduzemos o mundo, juntos somos boca que engole pra cuspir diferente] que ele enfeita com cocares de plumas.

Também entre os índios algo distingue a habitação do general em chefe; em vez de sentinelas encontra-se, à porta da cabana do principal, uma longa lança em cuja ponta é espetada uma cabeça de múmia, guarda imóvel, mas nem por isso menos imponente e que serve ao mesmo tempo de insígnia militar no general. Quanto aos chefes subalternos, usam eles à cinta uma cabeça suspensa por uma dupla corda de algodão presa à boca da múmia. Finalmente, os ossos das coxas e das pernas não são tão inúteis; com eles se fabricam instrumentos de sopro, empregados na guerra e ornamentados com os cabelos dos prisioneiros trucidados.

Também entre eles a púrpura, o cetro e o diadema são marcas distintivas de soberania. Enquanto os egípcios e os gregos buscavam, por preços elevados, a púrpura de Tiro para ostentar o luxo da riqueza ou da aristocracia, na América, na mesma reca sem dúvida, o índio selvagem, naturalmente sensível ao brilho imponente da cor vermelha da arara, escolhia essa plumagem para sinal distintivo de seus chefes. Esse antigo costume, existente ainda em nossos dias, permitiu-me encontrar, durante um cerimonial o chefe de uma aldeia indígena vestido com um manto, coroado com um diadema e armado de seu cetro, tudo feito igualmente com penas azuis, vermelhas e amarelas, cores especialmente reservadas aos grandes dignitários. Do amor às distin-

ções devia nascer, necessariamente, o abuso do sistema aristocrático, o qual não tardou, de fato, a verificar-se entre os selvagens. Encontram-se, entre estes, inúmeros indivíduos, descendentes das raças primitivas, que se pretendem exclusivos depositários do elevado caráter e da bravura de seus antepassados e reivindicam o privilégio de serem os únicos capazes de sustentar-lhes dignamente a reputação. Usurpadores aristocráticos, não somente desprezam seus irmãos, que formam as numerosas subdivisões de suas famílias, mas ainda se transformam em seus opressores. Daí a **razão orgulhosa dos ódios hereditários**, que motivam as contínuas guerras que ensanguentam diariamente as florestas do Brasil.

Entretanto, ao lado desses vícios orgânicos do homem moral, observa-se, num contraste notável, a idéia primeira de todas as virtudes, a idéia de Deus!

Em resumo, tudo o que o espírito humano concebeu como idéias filosóficas elevadas, admiráveis ou mesmo **estranhas**, encontra-se, em princípio e em germe, no índio selvagem, com sua aplicação determinada apenas pelos impulsos do instinto ou da inspiração. É, em uma palavra, o homem da natureza, com seus meios intelectuais primitivos, que eu quero mostrar em face do homem **da civilização**, armado com todos os recursos da ciência.

INTRODUÇÃO

Eu me propus seguir, nesta obra, um plano ditado pela lógica: o de acompanhar a "marcha progressiva da civilização no Brasil". Conseqüentemente, comecei reproduzindo "as tendências instintivas do indígena selvagem" e ressaltando todos os **seus progressos na imitação da "atividade do colono brasileiro"**, herdeiro ele próprio das tradições de sua mãe-pátria.

A fusão desses dois elementos se inicia com desconfiança e já **começa a processar-se pela reciprocidade** de serviços, quando o covarde emprego da força a estaca; mas, sob o império da lei, ela não tarda em continuar.

Jogado na costa do Brasil, a princípio o português penetra timidamente as florestas próximas das praias, cercando-se de fortificações.

(...)

Ante a traição, toda a população indígena se **retira para suas posições inexpugnáveis** e, após uma luta desagradável de descrever-se, o português, "afinal estabelecido no Brasil", desiste provisoriamente de escravizar o indígena. **Compra na costa da África escravos dóceis** {NEVERMORE}(GONTIJO, 2017, p.232, tradi(c)ção nossa), que lhe são entregues para ajudá-lo a desbravar, entre combates, uma terra que promete, para mais tarde, minas de ouro e diamantes, descobertas graças às indicações fornecidas pelos prisioneiros misturados aos escravos. "Obra do paulista, habitante da província de São Paulo", a que se deveu "a exploração regular das minas do Brasil".

Tudo assenta, pois, neste país, no escravo negro; na roça com seu suor as plantações do agricultor; na cidade, o comerciante fá-lo carregar pesados fardos; se pertence ao capitalista, é como operário ou na qualidade de moço de recados que aumenta a renda do senhor. Mas, sempre mediocrementemente **alimentado e maltratado**, contrai às vezes os vícios dos nossos domésticos, expondo-se a castigos públicos, revoltantes para um europeu, e que são, muitas vezes, seguidos da venda do culpado aos habitantes do interior, onde o infeliz vai morrer a serviço do mineiro (habitante da província de Minas).

Sem o consolo do passado, sem a confiança no futuro, o africano esquece o presente saboreando, à sombra dos algodoads, o caldo da cana-de-açúcar; e como essas plantas cansadas de produzir, acaba definhando a duas mil léguas de sua pátria, sem nenhuma recompensa pelos seus serviços menosprezados.

A civilização mantinha-se, pois, estacionária no Brasil, quando, em 1808 (2018), chegou a Corte de Portugal, nessa (nesse) colônia (país) até então abandonada(o) aos cuidados de um vice-rei (-presidente). 1816 vê colocar-se sobre a cabeça de d. João VI, a tríplice coroa do Reino Unido de Brasil, Portugal e Algarves. Mas o último impulso só devia ser dado seis anos mais tarde, quando o príncipe real d. Pedro trocou o seu título pelo de defensor perpétuo do Brasil, ao qual, poucos meses depois, acrescentou o de imperador de sua pátria adotiva, libertada para sempre da influência portuguesa.

O Rio de Janeiro tornou-se, então, a capital do Império e o centro donde a civilização iria irradiar-se por todas as partes do território. Com efeito, logo o luxo criou artífices hábeis; as ciências formaram sociedades de encorajamento; a arte conquistou adeptos e a tribuna, oradores. Por sua vez, deixando a pátria, o jovem brasileiro visita, hoje em dia, a Europa, anota o que vê acerca das ciências e da indústria e, enriquecido com esses preciosos documentos, torna-se um sustentáculo de sua pátria regenerada.

Mas não é só na Europa que ele vai buscar inovações; pede-as também à Ásia; e o camelo, esse carregador da Arábia, já se reproduz no Brasil desde 1834, um ano após a introdução da primeira leva.

Nessa mesma época já se projetavam estradas de ferro para o interior, e as cidades da costa porfiavam pela prosperidade do Brasil.

USO E COSTUMES DOS BRASILEIROS CIVILIZADOS

Com muita justiça os viajantes que percorreram o Novo Mundo citam o brasileiro como o habitante mais cortês e afável da América do Sul.

Essas qualidades ele as deve em parte à influência de um clima delicioso que, fecundando-lhe as belas plantações, apenas exige dele que fiscalize sossegadamente as abundantes colheitas cuja exportação constitui a base de seu comércio marítimo.

Com a sua independência reconhecida pelas potências europeias e com o direito de gerir os seus próprios interesses, vive ele feliz com sua atividade e conserva uma atitude tranquila, em meio às comoções populares que cobrem de sangue a América espanhola e sem dúvida contribuem para fazê-lo compreender a felicidade de um governo estável, que assenta a glória e a tranquilidade da pátria numa legislação moderna, filha da Europa, e que uma judiciosa experiência fez adotar.

Acrescente-se esses elementos de tranquilidade a rara vantagem que tem o Brasil de não possuir, por assim dizer, uma classe intermediária entre o agricultor rico, proprietário de inúmeros escravos sujeitos a uma vida regular, e o comerciante interessado, por cálculo, na manutenção de uma ordem favorável ao desenvolvimento de seus negócios e garantidora de seus lucros periódicos. Por isso, ao findar a jornada, consagrada inteiramente ao acréscimo de sua fortuna, vemo-lo, fiel a seus antigos hábitos, procurar, na frescura da tarde e de uma parte da noite, um descanso voluptuoso feito de prazeres honestos.

A POPULAÇÃO BRASILEIRA

O governo português estabeleceu, por meio de onze denominações usadas na linguagem comum, a classificação geral da população brasileira pelo seu grau de civilização: 1. Português da Europa, português legítimo ou filho do reino. 2. Português nascido no Brasil, de ascendência mais ou menos longínqua, brasileiro. 3. Mulato, mestiço de branco com negra. 4. Mameluco, mestiço das raças branca e índia. 5. Índio puro, habitante primitivo; mulher, china. 6. Índio civilizado, caboclo, índio mando. 7. Índio selvagem, no estado primitivo, gentio, tapuia, bugre. 8. Negro de África, negro de nação; moleque, negrinho. 9. Negro nascido no Brasil, crioulo: 10. Bode, mestiço de negro com mulato; cabra, a mulher. 11. **Curiboca, mestiço de raça negra com índio.**

DESCOBRIMENTO DO BRASIL

O Brasil, situado entre 4° 18' de latitude norte e 34° 55' latitude sul, compreende um terço da América meridional.

A parte setentrional dessa região foi descoberta a 26 de janeiro de 1500 por Vicente Yanes Pinzon; mas foi na parte meridional que abordou Pedro Álvares Cabral, o qual desembarcou na altura do 17° de latitude, na baía de Porto Seguro a 24 de abril no mesmo ano. Esse navegador português ergueu **uma cruz na ilha chamada** ainda hoje Cruz-Vermelha, tomando posse assim do país em nome do rei de Portugal e nele abandonando alguns degredados sem outros socorros que não os da sua própria atividade.

A costa descoberta por Cabral **foi inicialmente** chamada Terra de Santa Cruz, nome substituído pelo de Brasil, corruptela da palavra portuguesa brasa empregada para exprimir cor viva do pau-brasil (Sesalpinha), ibirapitanga em língua indígena.

BAÍA DO RIO DE JANEIRO

A baía de Guanabara ("pedra bruta", em língua indígena), assim chamada pelos Tupinambás, povo selvagem que dominava grande parte dessa costa, foi descoberta em 1515 por Juan Diaz de Solis, navegador castelhano, que lhe deu, **primitivamente** o nome de Santa Luzia. Mais tarde, Afonso de Sousa, **capitão português, enviado** por D. João II ao Brasil, nela ancorou da baía com a embocadura de um grande rio.

À esquerda da entrada da baía ergue-se um árido rochedo granítico, de forma cônica, **chamado** Pão de Açúcar. Essa parte esquerda da costa, dominada por montanhas em diversos planos, representa no seu conjunto uma figura de homem deitado de costas, cujos pés são formados pelo Pão de Açúcar, donde o nome de Gigante Deitado que lhes dão os navegadores.

[devorando gates jr., comendo seu livro de poema em poema, de fala em fala, the monkey appears signifyin'(g) the lion. Signifying Monkey é assim esse múltiplo de exu, de legba, pa pa la bas que toma corpo nas palavras por pelo menos dois recursos reinantes em suas estrofes, uma progressão de pares de rimas, um padrão binário de 'a-a-b-b' y um ocasional 'c'.

signifying, mais que qualquer forma poética, aparece como uma devora da língua colonial, como um tomada insurgente do mundo-língua. signifying o português é tradizer, é pretuguês. traduzir não de uma língua mas de uma força criadora de mundos. o tradizer exu, o malandro discursivo, cruza estruturas para reverter seu aparente significado, levando o que era verdadeiro ao equívoco. desfazendo opostos,

dia/grande noite, os sem cor/os de cor, escrever y ler/memorizar y recitar.

nossa escrita rito ensaia, mesmo que não saia, rimas como ‘_mente’ y ‘_dade’; ‘_a_a’ y ‘_o_o’; y o às vezes ‘_ção’ y ‘_que’. Com as palavras destacadas da voz de debret criamos uma cadência ritmada, ou tentamos um banal conjunto de frases estereotipadas.]

Foi somente em 1566 que Mem de Sá, terceiro governador do Brasil, plantou os alicerces de uma cidade que , adotando o nome da baía no fundo do qual se acha construída, passou a chamar-se Rio de Janeiro. A cidade foi protegida de antemão por fortificações estabelecidas em diversos pontos do interior da enseada: fortes de Santa Cruz, da Laje, de São João, de Villegaignon, fundado em 1554 por Durand de Villegaignon.

Tomada a Portugal pela Holanda, voltou em 27 de janeiro de 1654 ao domínio de d. João IV.

Em 1671 Duguay Trouin, passando sob o fogo de todos esses fortes, entrou na baía até a extremidade mais afastada da cidade, parando na ponta da Ilha das Cobras, que tomou, apesar das fortificações, fazendo dela seu ponto de ata(ba)que e desembarque.

O crescimento da cidade do Rio de Janeiro foi rápido.

Sob o ministério de Pombal, São Sebastião do Rio de Janeiro tornou-se uma das cidades mais importantes da América portuguesa; em 1753, o ministro para aí mandou seu irmão Carvalho na qualidade de governador. A população atingia, então, mais de 40 mil homens. Já em 1773 era a cidade a capital da colônia brasileira, quando, em 1808, a Corte de Portugal nela se instalou, conferindo-lhe a 16 de dezembro de 1815 o título de capital do Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarves.

A Corte de Portugal abandonou o Rio de Janeiro em 22 de abril de 1821, e o rei deixa lá seu filho mais velho, d. Pedro, com o título de príncipe regente; finalmente, a 12 de outubro de 1822, o Rio de Janeiro se tornou capital do Império Brasileiro e residência de s. m. .d Pedro I, imperador do Brasil até 7 de abril de 1831, época em que abdicou em favor de seu filho, o qual lhe sucedeu com o nome de d. Pedro II, imperador do Brasil, e que ainda(quase) reina hoje em dia.

[(y se você é branco) leia em voz alta:

em vista do estado das coisas ao nosso redor, façamos nosso pensamento constante ser, *para o melhor de todos, o que devemos fazer com nós brancos?* (ETHIOP apud GATES Jr., 2014, p.102, grifo do autor, tradi(c)ção nossa.)]

legendas

(onde há a(de)crécimo y/ou referência)

[onde há filosofia y/ou didática]

{onde há reunião}

Referências:

AZEVEDO, Beatriz. **Antropofagia** - Palimpsesto Selvagem. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2016.

DEBRET, Jean-Baptiste. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2015.

FLORES, Guilherme Gontijo; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **Algo Infiel**: corpo performance tradução. São Paulo: n-1 edições, 2017.

GATES Jr., Henry Louis. **The Signifying Monkey a theory of African American literary criticism**. New York: Oxford University Press, 2014.

JACKSON, Bruce. **Get Your Ass in the Water and Swim Like Me African American Poetry from Oral Tradition**. New York e Londres: Routledge, 2004.

KRENAK, Ailton. A potência do sujeito coletivo. **Revista Periferias**. disponível em imja.org.br/revista/potencia-do-sujeito-coletivo-parte-i/. Acesso em julho de 2018.

KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: Palavras de um xamã yanomami. Trad.: Beatriz Perrone-Moisés. Pref.: Eduardo Viveiros de Castro. SP: Companhia das Letras, 2015.

LEMOS, Marcelo Sant'anna. **Vocabulário da Língua Puri**. Português-Puri (de Bolso). Rio de Janeiro, Edição do Autor. 2ª Edição, 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Trad.: Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus, 2012.

MBEMBE, Achille. **Sair da Grande Noite**: ensaio sobre a África descolonizada. Petrópolis: Vozes, 2019.

RISÉRIO, Antônio. Palavras canibais. In: RISÉRIO, Antônio. **Textos e Tribos**: poéticas extraocidentais nos trópicos brasileiros. Rio de Janeiro: Imago, 1993. P. 149 – 181.

ROCA, Andrea. Imagens construtoras da nação. Rugendas e seus desenhos sobre indígenas no Brasil e na Argentina. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 18, n. 43, p. 29-64, jan/jul, 2017.

ROCHA, João Cezar de Castro; RUFFINELLI, Jorge. **Antropofagia Hoje?** - Oswald de Andrade Em Cena. Ed. É Realizações, 2011.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo/ Suely Rolnik – Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

SANTOS, Lucas de Jesus. Perspectivismo e Cosmopolítica em Poliedro de Murilo Mendes. **Revista Línguas & Letras** – Unioeste – Vol. 16 – Nº 33 , p. 165-179, 2015.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

SZTUTMAN, Renato. Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 338-360, abr. 2018.

VIVEIROS DE CASTRO. **Metafísicas Canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.